



#14852716



15° CONEB

**Organização Estudantil na Resistência Democrática
Rumo ao 56° Congresso da União Nacional dos Estudantes**

QUEM SOMOS.....	4
O QUE É O CONEB?.....	5
DOS ESTUDANTES AOS BAIROS.....	5
#EDUCAÇÃOSIM EM TEMPOS DE #ELENÃO.....	7
MOVIMENTO ESTUDANTIL FORTE E ORGANIZADO.....	9
CANTANDO A RESISTÊNCIA.....	11

QUEM SOMOS?

Somos estudantes de todos os cantos do Brasil. O Levante Popular da Juventude é um movimento social de jovens, voltado para a luta popular e que busca a transformação da sociedade. Somos as e os jovens que constroem o Projeto Popular, ou seja, um projeto de país que empodere o povo, para nos colocar como sujeitos da nossa própria história. Nos propomos a ser o fermento na massa da juventude brasileira. Somos aqueles que não baixam a cabeça para as injustiças e desigualdades.

Nascemos em 2006, no Rio Grande do Sul, com a proposta de organizar a juventude onde quer que ela esteja e, em fevereiro de 2012, realizamos o nosso I Acampamento Nacional em Santa Cruz do Sul (RS). Para construirmos um Projeto Popular para o Brasil, o primeiro passo é reconhecer que cada pessoa deve ser protagonista das transformações da sua própria realidade. Isso significa que nós, jovens, temos o papel de identificar e transformar o que tem de errado onde vivemos!

Em 2014 realizamos nossos II Acampamento Nacional, em Cotia (SP), com a participação de mais de 3000 jovens de 25 estados brasileiros e o DF.. Consolidamos um movimento nacional de massas, comprometido com a democracia popular, e hoje, após nosso III Acampamento Nacional, que em 2016 reuniu mais de 7000 jovens em Belo Horizonte (MG), de todo o Brasil, realizamos diversas lutas, seminários de formação, centenas de acampamentos estaduais e municipais.

Somos um movimento que se nacionalizou a partir da luta concreta, com os escrachos aos torturadores da ditadura militar, em diversos estados do país. Somos a juventude negra da periferia dos centros urbanos, que está sendo assassinada pela PM e que luta pela desmilitarização da polícia. Somos a juventude que luta contra as opressões impostas pelo patriarcado, que atinge todos os dias, de forma mais violenta mulheres e LGBTs. Somos a juventude camponesa que luta por educação, pelo direito de permanecer no campo, construir um futuro digno com o direito à vida e ao trabalho.

Somos os jovens que estiveram presentes de forma ativa nas manifestações de junho de 2013 e na luta contra o golpe de 2016. Ocupamos escolas, universidades, IPHANS e o Ministério da Cultura. Em 2017 entoamos o Fora Temer e lutamos contra as reformas golpistas, principalmente a Reforma Trabalhista, o Projeto da Escola Sem Partido, a Reforma do Ensino Médio e a Reforma da Previdência.

Somos a juventude que devolveu os dólares roubados ao Cunha e que vai às ruas contra os retrocessos e o conservadorismo. Gritamos Ele Não! Ele Nunca! Ele Jamais! Contra o projeto que mata, violenta, e encarcera o nosso povo. Gritamos Lula Livre e fortalecemos as fileiras da Marcha Nacional até Brasília em Agosto de 2018. Somos mulheres, LGBTs, negros e negras, que estarão na linha de frente contra Bolsonaro! Somos muito mais que a nossa bandeira, somos nosso Projeto de transformação da sociedade!

Somos estudantes de todo o Brasil que foram ao 55º Congresso da União Nacional dos Estudantes para Ocupar a UNE e pautar a construção da UNEVolante, dos Centros Populares de Cultura e o 15º Conselho de Entidade de Base!

Somos o Levante Popular da Juventude e estaremos onde a juventude e o povo brasileiro estiverem! E como faremos isso? Com muita resistência, arte, cultura, trabalho de base, organização estudantil, formação e luta. O Levante quer organizar a juventude brasileira para derrotar Bolsonaro e construir uma sociedade mais justa, democrática e com mais direitos para o povo!



O QUE É O CONEB?

O Conselho Nacional de Entidades de Base da União Nacional dos Estudantes tem por objetivo reunir centros acadêmicos e diretórios acadêmicos de todo o Brasil para debater a linha de atuação das entidades para o período seguinte, assim como analisar a conjuntura, definir o projeto de educação que queremos e linhas de atuação do movimento estudantil.

Além dele, existem outros dois fóruns importantes na UNE: o CONEG – Conselho Nacional de Entidades Gerais – que reúne DCE's, UEE's Uniões Estaduais de Estudantes (UEE) e as Executivas de Curso, e o CONUNE – Congresso Nacional da UNE – que é o maior congresso de estudantes do Brasil e um dos maiores do mundo e reúne delegados eleitos nas universidades e que, entre outras coisas, elege a diretoria da UNE.

Foi o 14º CONEB que, em fevereiro de 2013, reuniu 4 mil jovens e mais de 1500 centros acadêmicos de todo o Brasil e que marcou a entrada do Levante Popular da Juventude na União Nacional dos Estudantes, com um grande debate sobre Reforma Universitária. Bebemos das experiências latino-americanas e apontamos as pautas do nosso projeto de Reforma Universitária para o Brasil!

Desde a entrada do Levante na UNE sempre reivindicamos a importância desse fórum que possibilita orientar o Movimento Estudantil e fortalecer as entidades de base, particularmente os centros acadêmicos. Sabemos que as universidades serão um importante espaço de resistência, enfrentamento aos ataques a educação brasileira e ao avanço do conservadorismo no país. Logo, o CONEB precisará animar os estudantes e os municiar de método e uma linha política justa para o duro período que virá!

DOS ESTUDANTES AOS BAIRROS: organização estudantil para derrotar Bolsonaro!

Desde 2008 vivemos um período histórico marcado por uma grave crise do modo de produção capitalista, com características econômicas e políticas e com graves desdobramentos sociais e ambientais. Nesses momentos é importante que nós, estudantes brasileiros, aprofundemos nossa análise sobre a realidade. No Brasil, a ofensiva neoliberal resultou no golpe de Estado contra a democracia brasileira, que se expressou no impeachment - sem crime de responsabilidade - sofrido pela presidenta Dilma Rousseff, no ano de 2016. As forças neoliberais aliadas do imperialismo deram o golpe tendo como objetivos centrais recompor as taxas de lucros dos capitalistas no atual cenário de crise internacional e realinhar o Brasil com os interesses dos EUA.

Mesmo com resistência popular, o governo Temer impôs reformas neoliberais, retirou direitos da classe trabalhadora, enfraqueceu as políticas de conteúdo local da indústria, acelerou privatizações e o desmonte das estatais, como a Petrobrás.

Nesse contexto de desmonte da democracia, da soberania nacional e de retrocessos nos direitos dos trabalhadores, vivemos a eleição mais atípica da nossa geração, onde se evidenciou no pleito um fenômeno chamado Guerra Híbrida, em que a influência da internet e de fakenews, financiado por dinheiro não declarado oficialmente em campanha (caixa 2), e a completa ausência de um debate de país, tornaram esse processo eleitoral um dos mais atípicos da nossa história.

A eleição contou com a prisão e o impedimento da candidatura de Lula, que estava em primeiro lugar nas pesquisas e que expressava a escolha da maioria do povo brasileiro. Sinais claros do esgotamento das margens democráticas e escrachando o papel do judiciário no golpe.

O crescimento da candidatura de Jair Bolsonaro – que se projetou ainda mais após o incidente da facada – combinada ao fracasso eleitoral da candidatura do PSDB, contrariou as avaliações tanto da esquerda quanto da direita, sobre qual seria o resultado das eleições e quais candidatos polarizariam os votos.

A base do discurso da campanha de Bolsonaro era o combate à pluralidade de pensamento, apontando a criminalização da política. Estimulava e valorizava o preconceito, a intolerância e a violência, combinado, ainda, com a pregação de falsa moralidade e de valores conservadores. O candidato apresentou falsas saídas para problemas graves e deixou claro a ausência de propostas para solucionar outros grandes proble-

mas, como o desemprego, a saúde e a educação.

Porém, mesmo com a não proposição de conteúdo consistente em seu projeto político, Bolsonaro conseguiu canalizar a indignação da maioria da população com o sistema político brasileiro, fazendo com que parte da população acreditasse que sua candidatura fosse uma candidatura anti-sistema. Assim como conseguiu surfar na onda de propaganda anti-petista gerada pelo golpe e comandado por setores do judiciário e da grande mídia.

Mas isso não significa que Bolsonaro não tenha um projeto para o país. Cabe a nós enquanto coletividade de estudantes perguntar que projeto é este e questionar as possibilidades deste projeto representar os interesses dos estudantes e da maioria do povo brasileiro.

O projeto eleito no último - e duvidoso - pleito não representa o interesse da maioria da população, pois tem conteúdo neofascista, antinacional, antipopular e antidemocrático. Além disso, esse projeto tem como objetivo implementar um programa ultraneoliberal para elevar as taxas de lucros do grande capital e retroceder no conjunto das conquistas sociais do pacto democrático da constituição de 1988. Além disso, ele deixou muito explícito que no seu governo o autoritarismo será a regra, ameaçando perseguir e criminalizar o conjunto dos movimentos populares e partidos de esquerda, processo similar ao ocorrido durante o período da ditadura civil militar, que formou e possibilitou a existência política da família Bolsonaro e o campo político de extrema direita que fazem parte.



As mulheres tomaram as ruas e pintaram o Brasil de lilás, construindo as maiores ações de massas desde a redemocratização do Brasil. Cantamos o #EleNão, sendo mais uma vez protagonistas das lutas por direitos e democracia.

Nosso país tem sua história marcada de resistência! Nós, sujeitos políticos: jovens, mulheres, LGBTQs, negros e negras, protagonizamos lutas desde o processo de colonização e hoje seguimos sendo protagonistas das ocupações de escolas e universidades, nas marchas contra o golpe, e de tantas lutas pela consolidação da democracia de nosso país.

A conquista do 10% do PIB para a educação, a aprovação da cotas, a portaria para a utilização do nome social por pessoas trans em universidades e em outras instâncias da educação, assim como todos os avanços na permanência estudantil que permitiram colorir a universidade, com muita luta dos filhos e filhas da classe trabalhadora.

Sabemos que nossas conquistas, nossos direitos e vidas estão ameaçadas no governo Bolsonaro. Mas, seguiremos sendo resistência nas ruas, nas escolas, universida-

des e bairros. Sabemos que nossa organização dentro e fora do movimento estudantil é decisiva para o combate às estruturas sociais patriarcais, heteronormativas e racistas.

Nos encontramos no Encontro de Mulheres Estudantes (EME), no Encontro LGBT da UNE, nos encontraremos no Encontro de Negras Negros e Cotistas (ENUNE) e no oitavo de março em todo o Brasil. Mas principalmente no cotidiano do Movimento Estudantil, por meio de nossas entidades representativas e nas ruas! Por permanência, direito, respeito, inclusão e para combater qualquer tipo de opressão, para uma universidade para o povo, por uma UNE e um Brasil anti-racista, anti-lgbtfóbica, feminista e popular. Vamos cantar a nossa resistência!



Quais são os impactos dessa política na vida do povo brasileiro? Um governo que tem por objetivo a retirada de direitos sociais garantidos na constituição, como saúde e educação. Viveremos o aumento da miséria e do desemprego somado ao fim da aposentadoria com a reforma da previdência que está por vir. Além disso, sofreremos um ataque brutal ao desenvolvimento nacional com a política privatista e entreguista que visa a desnacionalização das nossas empresas e favorecer as empresas estrangeiras através das riquezas nacionais. Significa também, que os que ousarem se levantar contra todas essas mazelas serão duramente reprimidos. E que o nosso direito ao livre pensamento, a livre manifestação, as liberdades individuais e democráticas estarão completamente ameaçadas de extinção.

O grande alvo desse governo será o povo mais pobre, em especial as mulheres, negros e negras e a população LGBT, que já tem sofrido um retrocessos sociais. Mas diante dessa grave ameaça qual o papel do movimento estudantil? Qual o papel dos Centros Acadêmicos?

Nosso papel é organizar a resistência democrática na defesa dos direitos sociais e da soberania nacional, aprofundando o diálogo e ampliando o enraizamento e a politização dos estudantes nas nossas universidades. O governo Bolsonaro é uma expressão de um movimento que ocorre em escala mundial de regressão da democracia como regime político, onde o neoliberalismo para se implementar enquanto projeto, precisa restringir as margens democráticas. Essa batalha não será de curto prazo, nem será simples, por essa razão a melhor forma de enfrentá-la é organizando-se em coletivos e atuando com muita unidade, tarefas concretas para fortalecer a unidade dentro do movimento estudantil, fortalecer a Frente Brasil Popular e estimular ações conjuntas com outros setores organizados, pois a luta pela democracia é central e a faremos junto a todos os setores que por ela se mobilizarem.

Mas, além da movimentação dos nossos inimigos, precisa-se admitir que outro fator determinante para os rumos que este processo eleitoral tomou, foi a desconexão entre as forças progressista e as bases populares. A ausência de politização dos setores populares abriu um vácuo político e de representação em que o discurso bolsonarista penetrou. A Ausência de trabalho de base dos últimos anos, nos deixam outra árdua tarefa na resistência democrática, fazer a disputa ideológica com o povo. Reconstruir a referência na esquerda, estar nos bairros.

O movimento estudantil precisa olhar para as experiências históricas do Brasil, no qual o movimento estudantil foi vanguarda desde a fundação da UNE nas lutas em defesa da Soberania, Democracia e Direitos. Precisamos nos recordar ainda dos processos de nossos irmãos da América Latina, ressaltamos a experiência da Frente Sandinista de Libertação Nacional, que durante a década de 60, na Nicarágua contribuiu para o processo revolucionário, a partir do lema: 'Dos estudantes aos bairros!', restabelecendo o vínculo da esquerda com a população, e construindo no seio do povo com ações de solidariedade o projeto de um país, que deu origem a uma revolução.

Como demonstra nossa história, no Brasil e na América Latina, somos um povo forte que historicamente resistiu em nome da independência, da liberdade, da democracia e dos direitos! Vivenciaremos mais um capítulo de luta e resistência pela retomada dos rumos do país pelas mãos do nosso povo. Sigamos firmes, com esperança, dedicação e amor pelo Brasil que tanto sonhamos!

#EDUCAÇÃOSIM EM TEMPOS DE #ELENÃO

Desde quando era deputado Bolsonaro sempre demonstrou seu compromisso com o desmonte da educação Brasileira. Ele e o seu partido sempre se manifestaram contra a educação, do ensino básico ao ensino superior, com declarações à favor da escola sem partido e da cobrança de mensalidades em universidades públicas. Em decorrência disso ainda em 2016 o apontamos como nosso inimigo! Ele votou a favor da PEC do fim do mundo, hoje emenda constitucional 95, que limita os investimentos públicos em educação e saúde. Ele foi a favor de todos os retrocessos do governo Temer e buscará aprofundar os cortes e retrocessos na educação! Mesmo com grandes conquistas no último período como os 10% do PIB para a educação e a aprovação do fundo social do Pré-sal para a educação, a educação no Brasil está risco e a constatação de Darcy Ribeiro que "A crise na educação do Brasil, não é uma crise, e sim um projeto" nunca foi tão atual.

O maior exemplo desse projeto antidemocrático na educação é o "Escola sem partido". O ataque a liberdade de expressão e a livre docência que a direita conservadora quer empurrar goela abaixo nas escolas



do país parte da ideia absurda de que os professores impõem suas ideologias sobre os alunos. No fundo, o projeto pretende despolitizar cada vez mais as escolas, criminalizar os professores que possuem conteúdo crítico e impor um currículo cada vez mais tecnicista e voltado para os interesses do mercado. E mesmo o nome do projeto é uma falácia, pois ele não passa de uma “Escola com Partido”: o partido do conservadorismo e da elite.

Aliado a esse ataque, soma-se ainda a proposta que vetou o debate sobre questões relacionadas à gênero e sexualidade nas escolas, que na real representa o interesse da pauta conservadora em manter nas nossas relações sociais, patriarcais e machistas, que estruturam a sociedade brasileira, que com uma taxa de 4,8 assassinatos em 100 mil mulheres, o Brasil está entre os países com maior índice de homicídios femininos: ocupa a quinta posição em um ranking de 83 nações, e a discriminação por conta da orientação sexual e identidade de gênero dos/das jovens (o país ostenta o maior índice de assassinato de pessoas LGBT’s no mundo) em nome de uma pretensa “família tradicional brasileira”, que nunca correspondeu à realidade plural e diversificada da sociedade brasileira .

Além dos ataques de ordem ideológica, a reforma do ensino médio – que veio a partir de uma medida provisória de Michel Temer sem qualquer diálogo com a sociedade e com a comunidade escolar – praticamente desestruturou o ensino médio, ao pregar a possibilidade de que os estudantes possam optar por alguma área do saber específico (linguagens, exatas, ciências da natureza, ciências humanas, formação técnica). Sabemos que isso é impossível de acontecer numa realidade em que a grande maioria das escolas do país não possuem as mínimas condições de oferecer ensino de qualidade para os estudantes, o resultado é que teremos jovens que ingressarão no mercado de trabalho cada vez mais vulneráveis. A reforma do ensino médio também escancarou as portas da precarização e da falta de compromisso ao permitir a implantação de ensino a distância no ensino médio e na educação de jovens e adultos.

O governo Temer também promoveu cortes severos na educação técnica, desde o PRONATEC aos institutos federais, prejudicando com isso a liberação de transportes para viagens, construção de laboratórios, contratação de professores, intercâmbios de projetos de pesquisa, etc. Para as universidades, o pacote de maldades é ainda maior: ameaça da gratuidade e já a eminente cobrança de mensalidades, o desmonte dos programas de acesso e permanência estudantil, bem como a ameaça à liberdade de cátedra, que é o um princípio que assegura a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, que sempre foi muito preservado, principalmente nas universidades públicas.

Programas como o PIBID, ciências sem fronteiras, bolsas CNPQ e CAPES e abertura de novos cursos praticamente tiveram fim nesta gestão, e os maiores prejudicados foram sempre os estudantes advindos das classes populares que tiveram acesso ao ensino superior: negros e negras, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência física, mulheres e população lgbt.

Os estudantes das faculdades e universidades particulares não ficaram de fora do pacote de maldades do governo Temer: agora está cada vez mais difícil conseguir uma bolsa pelo Prouni ou mesmo conseguir um Fies sem se submeter aos altíssimos juros impostos pelo governo, ou pelos fundos de empréstimos vinculados às próprias universidades. Sem políticas de permanência e sem processos de democratização da participação estudantil na escolha de seus dirigentes, estudantes das faculdades e universidades Privadas estão abandonando os estudos a cada dia, se somando ao quantitativo de 170 mil estudantes que abandonaram



as universidades públicas e privadas entre 2016 e 2017. Sabemos que as escolas e universidades continuarão sendo golpeadas, ideologicamente e economicamente.

Nossas pautas no próximo período envolvem: Defesa liberdade de cátedra e a autonomia universitária; o combate a Escola Sem Partido e a disputa sobre a Base Nacional Comum Curricular; Combate a criminalização de professores e estudantes; Luta por financiamento e qualidade nas escolas e universidades; Combate a cobrança de mensalidades em universidades públicas. A educação é um direito, e vamos lutar por ele!

Neste sentido, fica cada vez mais evidente porque Bolsonaro e seus comparsas escolheram o legado de Paulo Freire como um de seus maiores inimigos. Paulo Freire foi um dos idealizadores do movimento pela Educação Popular, que pregava uma escola e uma universidade com posturas críticas diante da realidade, abertas ao povo e formadoras de cidadãos politizados e conscientes sobre quem são opressores. Para Freire, a Educação Popular é um ato político porque liberta o povo das amarras que o prende. Bolsonaro tem medo das ideias de Paulo Freire e sobretudo daqueles que prosseguem o seu legado.

Para nós, é com base nos princípios da Educação Popular que construiremos o processo de resistência contra o conservadorismo e contra o ultraneoliberalismo nas escolas e universidades, se espelhando nas experiências de luta do povo e dos estudantes nos períodos mais sombrios da história, resgataremos o espírito do trabalho de base e de conformação de novas tarefas para os próximos anos.

A luta pela educação no Brasil torna-se central, para conseguirmos resistir e reconstruir um Projeto Popular para o Brasil. É uma tarefa que exigirá muito de nós estudantes, e que a travaremos em conjunto com os professores, do ensino básico até os reitores, e pesquisadores que estiverem contra Bolsonaro e ao nosso lado. Ao lado do movimento sindical e dos movimentos populares. Em cada grêmio estudantil, centro e diretório acadêmico, diretórios centrais dos estudantes, entidades estaduais e na União Nacional dos Estudantes.

O projeto de Bolsonaro fere nosso passado e a memória do movimento estudantil, quando ele afirma ser a favor da tortura daqueles que vieram antes de nós, ameaça o nosso presente com tamanhos retrocessos, mas resistiremos e afirmamos que o futuro nos pertence e a vitória será nossa!

MOVIMENTO ESTUDANTIL FORTE E ORGANIZADO para entoar a resistência em cada universidade

Movimento estudantil é a ação organizada e consciente dos estudantes em torno de determinados objetivos políticos. Estes objetivos são projetados a partir da conjuntura política em um dado momento histórico. Sendo fundamental para o Movimento estudantil, em qualquer destes períodos, posicionar os e as estudantes em luta na defesa da educação e dos direitos estudantis.

Ao longo da história do Brasil o Movimento Estudantil foi vanguarda na luta social, e nessa conjuntura terá mais uma dura tarefa. Desde os Centros Acadêmicos precisaremos ser linha de frente na resistência democrática, pelos ataques que virão à educação, e principalmente pelo fato de que vivenciamos um período de criminalização da luta social, que já está em curso com a perseguição a UNE, MST e ao MTST.

As universidades no último período demonstraram ser um importante pólo de resistência democrática.

Diversas iniciativas dos setores educacionais sobretudo nas escolas e universidades, foram decisivas para apresentar a sociedade as contradições presentes nos projetos em disputa nas eleições. Foi a partir do movimento estudantil que marcamos o segundo turno com mobilizações pela democracia e com uma ampla unidade, na campanha Haddad presidente. Como no 26 de outubro, o último dia letivo antes da votação, quando mobilizamos diversas universidades no Brasil, construindo diversas atividades com toda a comunidade acadêmica, rompendo os muros da universidade.

Nossa tarefa, enquanto defensores da Educação foi evidenciar que de um lado havia o projeto que representava os interesses dos trabalhadores e do outro, um projeto que representava os interesses do capital internacional, apontando para o desmonte da educação pública.

Nesse período a organização estudantil estimulou a realização de plenárias, atos, festivais, panfletagens que contribuíram para a construção de uma importante ponte entre os setores do movimento estudantil e a sociedade. Reivindicamos assim, uma das tarefas que acreditamos ser fundamental para o ME, diálogo e a construção de vínculo com o povo. Um passo necessário para a construção da resistência frente a um futuro governo que já se apresenta atacando os e as estudantes, o movimento estudantil e suas entidades.

A UNE enquanto entidade nacional atravessou os seus mais de 80 anos de história através de diversas lutas para defender o país. Sempre teve um papel decisivo na construção das lutas de massas no Brasil. A UNE tem uma importante tarefa para o próximo período. A entidade terá que ter, ainda mais, a responsabilidade de construir unidade com o conjunto do movimento estudantil brasileiro na defesa da democracia e da educação superior. Só a unidade nos dará capacidade para construir resistência. Para isso, se coloca como uma das tarefas prioritárias da entidade o enraizamento do movimento estudantil, fortalecendo o diálogo e estando mais presente na dinâmica dos centros acadêmicos e diretórios acadêmicos espalhados pelo país.

Pautado nas últimas teses do Levante Popular da Juventude ao Congresso da União Nacional do Estudantes, o CONEB da UNE retorna para agenda do Movimento Estudantil em meio a essa conjuntura resistência ao governo neofascista de Jair Bolsonaro. Este importante fórum que tem a função de reunir diversas entidades de base para refletir sobre as questões específicas dos cursos, fazer o debate profissional e organizar a agenda de luta dos estudantes para os próximos períodos, terá papel fundamental para orientar e orga-

nizar as ações do Movimento estudantil. Os centros acadêmicos e diretórios acadêmicos são ferramentas históricas do Movimento Estudantil, que tem uma grande capacidade de enraizamento e diálogo cotidiano com o conjunto dos estudantes, e justamente por isso, tem sido foco de perseguição e ataque. tem um enorme potencial de ampliar e enraizar o movimento estudantil, pois, se queremos derrotar o fascismo na sociedade precisamos sermos muitas mãos, unidas e coesas.

O CONEB deve colaborar para um movimento de consolidação de novos centros acadêmicos e diretórios acadêmicos pelo Brasil, e a UNE deve ser ponta de lança nesse processo, estando lado a lado com todos os estudantes das bases que querem constituir seus espaços de organização. A experiência que construímos durante o período eleitoral nos deixou latente a necessidade de ter uma entidade nacional que cumpra o papel de impulsionar as lutas e levar as e os estudantes às ruas pelos nossos direitos. Precisamos de uma UNE cada vez mais conectada com as entidades de base, e essas entidades, por sua vez, cada vez mais presentes no cotidiano dos estudantes. Sabemos que muitas lutas estão por vir, mas é com muita organização e unidade que vamos dar as respostas necessárias para o futuro que virá!

10 PROPOSTAS PRA MUDAR A UNE



1 REALIZAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DAS ENTIDADES DE BASE – CONEB

(Encontro de CAs e DAs que a atual gestão deixou de realizar) em Janeiro de 2018: é fundamental a construção de um fórum amplo, em que possamos discutir a formação profissional do estudante, questões relacionadas aos seus cursos e ao mesmo tempo que reúna os representantes de base para organizar a luta em defesa da educação e do Brasil.

2 UNE VOLANTE

resgatar a política de atividades massivas da UNE nas Universidades! Organização de debates que produzam uma proposta de Plataforma de Lutas da UNE e um Projeto de Reforma Estatutária.

3 VOZ DO ESTUDANTE

precisamos de uma política de comunicação que vá para além dos círculos militantes. Defendemos a construção de um jornal impresso em cada universidade e uma plataforma digital para que os estudantes publiquem artigos e opiniões sobre o movimento estudantil, educação e o Brasil!

4 ORÇAMENTO DEMOCRÁTICO E TRANSPARENTE

além de dar transparência às finanças da UNE, propomos que 50% do que a entidade arrecada seja para financiar atividades decididas pelos próprios estudantes nos fóruns nacionais da UNE.

5 CENTRO POPULAR DE CULTURA

colocar a produção cultural como ferramenta de luta, incentivando as produções artísticas vinculadas a conjuntura política e nos espaços do movimento estudantil. Fomentar a atividade artística e cultural processual e indo além dos muros da Universidade.

CANTANDO A RESISTÊNCIA

a cultura como ferramenta necessária para o movimento estudantil!



A União Nacional dos Estudantes nunca fugiu da luta pela democracia e pela popularização da universidade pública. Foi assim que em 1962 a UNE colocou pela primeira vez o pé na estrada e a entidade foi conhecer o Brasil e multiplicar o movimento estudantil, a “UNE Volante”. Também rodava a tarefa de construir os centros populares de cultura em cada CA e DA, para que a linguagens artísticas também se enraizasse com entre as e os estudantes.

Nos colocamos o desafio de colocar arte e cultura como cotidiano do movimento estudantil e decidimos resgatar a UNE Volante e voltar a rodar o Brasil com a entidade. Impulsionamos que se espalhasse o fazer artístico por todas as universidades. Foi assim que sob os olhares atentos do ex-CPC João das Neves que elaboramos o que viria a ser a peça que esteve em cada canto do país, que ficou conhecida como “Parecer da Democracia”.

Encenando o “Parecer da Democracia” nas universidades e estados por onde percorreu a UNE Volante, trouxemos para a cena a diversidade cultural de cada região, presente na musicalidade do espetáculo, no figurino e nos atores e não atores que deram vida ao texto. A peça trouxe para o evento, em conjunto com as outras linguagens e festivais culturais a dimensão lúdica e estética da política. Parte também da iniciativa de fazer com que a arte não seja considerada apenas um elemento apendicial à luta, mas sim uma de suas próprias dimensões integrantes, bebendo das importantes experiências de agitação e propaganda construídas pela esquerda no mundo.

É com isso em mente que apontamos o novo desafio de construir a Bienal da UNE com a diversidade do povo brasileiro. Queremos que o diálogo com os CAs e DAs para o CONEB também acumule para levarmos os fazedores de arte que estão nas escolas, nos cursos de Engenharias, no Direito, na Pedagogia e em todas as salas de aula. Assim, teremos condições de construir uma Bienal de Arte e Cultura que traga em alto e bom som a mensagem da resistência e da luta em defesa da educação pública e gratuita.

Isso significa que nosso ano será marcado de luta, arte e cultura desde o começo! Vamos colocar o movimento estudantil em marcha para construir um Congresso da União Nacional dos Estudantes com muita resistência e pra mostrar para os inimigos da Educação e da Juventude o tamanho da nossa força!

Convidamos a todas e todos os estudantes cantar conosco o nosso canto de resistência em todas as universidades. Vamos construindo o movimento estudantil no cotidiano defender a educação, a democracia e Brasil!, dentro e fora dos muros da universidade!

Vamos juntos rumo ao 56º Congresso da
União Nacional dos Estudantes!

SIGA O LEVANTE!

 /levantepopulardajuventude

 @levantepopular

 @levantedajuventude

 /LevantePopulardaJuventudeoficial

 /levantepopulardajuventude